

A tênue recuperação econômica anunciada pelas autoridades econômicas brasileiras constituiu-se, na verdade, em flutuação trimestral do produto industrial de 4 por cento, fundamentada em amostras muito precárias, na opinião da economista Maria da Conceição Tavares, cuja maior preocupação, no momento, é a pesquisa básica, através da qual, considera, poderá ser vislumbrado o atual estágio da indústria brasileira, após três anos de tratamento recessivo.

As amostras utilizadas não consideram o ocorrido com o ajuste recessivo. Para Conceição, o pior disso não é estar claro que os setores que cresceram são aqueles ligados à exportação, em função da recuperação da economia americana, e, de certo modo, pelo esforço exagerado que se fez para crescer, com a máxi-
de 83 e das minidesvalorizações realizadas durante o ano.

Segundo a professora, as minidesvalorizações realizadas semanalmente pelo Governo equivalem a outra maxidesvalorização, colocando a correção cambial acima do custo industrial.

Na verdade, a correção cambial foi feita colada à inflação, que foi puxada pela alta dos preços dos alimentos — observou.

A recuperação das vendas de produtos brasileiros para o exterior se verificou principalmente em função da recupera-

Economista acha a recuperação tênue

ção da economia norte-americana e Conceição Tavares manifesta preocupações com o futuro do comércio exterior brasileiro — no momento, o único indicador razoável da economia que enfrenta um quadro de recessão programada pelas autoridades econômicas.

A economia norte-americana é responsável pela metade do superávit de balança comercial alcançado pelo Brasil. Os setores que mostraram recuperação ligados à exportação, como o aço, metalurgia, automóveis, que não retomou os níveis de 80, mas está exportando 60 por cento de sua produção, porque o mercado interno está uma desgraça. Tirando aquilo que pode-se exportar desaparecerá o crescimento do trimestre, porque tudo o que estiver ligado ao mercado interno, à política de compras dos salários, ao gasto público, ao investimento, ao consumo popular, continua em recessão porque o governo não mudou sua política — assinou.

Embora considere que existam condições para a retomada do crescimento, não obstante estime, que mesmo com ampliação de 5 por cento ao ano no PIB, somente no final da década chegaremos

aos níveis alcançados em 1980, a economista não percebe indicações de que, no momento, a economia registre a tendência de crescimento:

— Não tem maneira, em termos de emprego é ridículo. Conheço bem a amostra da Federação das Indústrias de São Paulo — Fiesp. Os setores que nem são setores, mas empresas isoladas dos setores de calçados, têxteis, metalurgia, metal-mecânica, ampliaram o emprego, porque tinham despedido em massa toda aquela região paulista, agora, sob pretexto da exportação, tiveram que admitir. O pessoal tem trabalhado 12 horas diárias, tem feito horas extras e não há nenhum indício de crescimento no comércio — acrescentou.

Contudo, a existência de uma variação positiva em torno dos 4 por cento na produção industrial, no primeiro trimestre do ano, não é contestada. A professora informou que suas projeções davam conta de um crescimento nesta medida e que, na verdade, a variação se localizou em 3,8 por cento. No seu entender, apenas modificações na política econômica brasileira poderão determinar a retomada:

— Esperamos que um novo Governo resolva re-

tornar o crescimento através de uma política contrária ao arrocho salarial e aumento dos gastos públicos nos setores de saúde e educação — disse.

Para ela, a forte contração das importações, além de provocarem os elevados superávits da balança comercial, contribui para que a economia receba dois reflexos:

— Este corte pode, por um lado, provocar a substituição das importações e, por outro, como se faz atualmente, através de um controle quantitativo, substituir pela produção interna, mas com recessão. Não foi como nos velhos tempos em que se fez substituição e se estimulou o crescimento. O coeficiente de importações brasileiro sobre sua produção industrial é muito reduzido, e esta situação não pode se manter — advertiu.

Segundo a economista, o coeficiente de importações brasileiro é inferior àquele apresentado pela URSS, durante a II Guerra Mundial, enquanto o coeficiente exportado representa 60 por cento da produção industrial, o importado se fixa entre 3 ou 4 por cento.

Está tão baixo, que não se encontra assim nem no Japão, nem nos EUA, que são economias fechadas. E um coeficiente recorde, nós nunca registramos tão reduzido — afirmou.

JORGE FREITAS
Correspondente